

O JORNALISMO NA APARTAAÇÃO SOCIOECONÔMICA EM SÃO PAULO: UMA ANÁLISE DA COBERTURA NOTICIOSA DAS DIFERENTES REGIÕES DA CIDADE

Lucas Vicente Torres Martins (IC) e Denise Cristine Paiero (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

Resumo

Este artigo tem como eixo principal a discussão sobre o papel do jornalismo na apartação socioeconômica na cidade de São Paulo, utilizando como ferramenta de análise a exclusão de distritos do município no noticiário cotidiano. Para tanto, o trabalho analisou o caderno de cotidiano do jornal impresso de maior tiragem no município, a Folha de S. Paulo, durante o período trinta dias. A amostra revelou uma ligação estreita entre a Renda Média Domiciliar (RMD) de um distrito com a frequência com que ele aparece no noticiário. Quanto menor a RMD, menos ele é noticiado.

Palavras-chave: Jornalismo, Apartação, Noticiabilidade.

Abstract

The present article aims to discuss the journalism role in the São Paulo socioeconomic apartheid, using as an analysis tool the municipality districts exclusion in the daily news. For this reason, the work analyzed the local printed daily newspaper with the highest circulation, the Folha de São Paulo, during thirty days. The sample shows one close connection within the Median Household Income (MHC) a district with the times which appears in the news. The lower is the MHC, less is reported.

Keywords – Journalism, apartheid, newsworthiness

1. Introdução

O conceito de *apartação*, utilizado na publicação de Cristovam Buarque (1993) em referência ao *apartheid* sul-africano, trata da separação social implícita no Brasil – primordialmente ocasionada por critério socioeconômico.

A cidade de São Paulo é um dos municípios que apresenta esse cenário. Em meio a apartamentos de alto valor comercial no centro expandido da cidade, centenas de moradores de rua alojam-se nas calçadas e nos viadutos. Outras pessoas, vítimas da especulação imobiliária, acabaram tendo que se abrigar nas regiões periféricas da cidade.

De acordo com o mapa socioeconômico disponibilizado pela Prefeitura de São Paulo, há enorme disparidade no que tange a Renda Média Domiciliar (RMD) em cada um dos distritos da cidade. Algumas subprefeituras – de maioria localizadas no centro expandido – possuem RMD de R\$ 40 mil a R\$ 51 mil, outras – invariavelmente localizados nas extremidades do território paulistano – possuem RMD de R\$ 0 a R\$ 999,99.

A chamada segregação no espaço urbano é caso consolidado em São Paulo. Já se tornou lugar comum. Menos consolidada, entretanto, é a ideia de segregação socioeconômica no noticiário.

Esse trabalho visa responder perguntas como: existe uma seleção socioeconômica na hora de decidir o que é notícia? Como são retratadas as diferentes subprefeituras da cidade de São Paulo, existe um padrão na forma de abordagem e enquadramento condicionado à condição socioeconômica?

Tal seleção pode ser impulsionada pelo fator mercadológico (quem consome a notícia) e/ou pelo fator ideológico (o olhar para o relevante/poderoso), como apontou Otávio Frias Filho em artigo publicado na edição nº 394 de “Folhetim”.

Segundo ele, a estratégia de mercado da imprensa se ancora fortemente na estrutura ideológica da notícia e na relação de solidariedade objetiva entre imprensa e público. Para Frias Filho não é o que ele chama de imprensa burguesa quem instituiu um público sujeito à estratégia de mercado e às manipulações que dela ocorrem, mas é o caráter mercadológico da notícia em quem instituiu, numa ponta, a imprensa burguesa, na outra ponta o público burguês, e entre ambos uma simbiose de interesses complementares.

Na publicação de 1993, Cristovam Buarque, listando erros brasileiros na década de 1930 que agravaram o problema da apartação no país, escreveu algumas poucas linhas sobre o tema: “Nono erro: comunicação social com compromissos exclusivamente privados. O nono erro foi a implantação de um sistema de comunicação sem compromisso cultural com uma sociedade integrada” (1993, p.60)

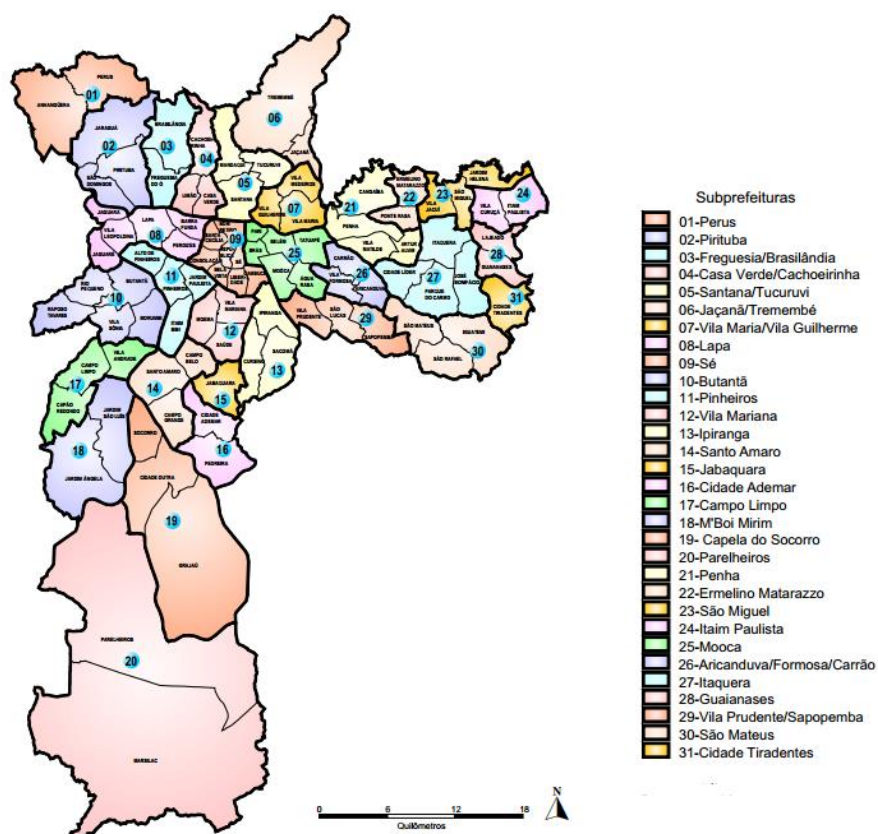
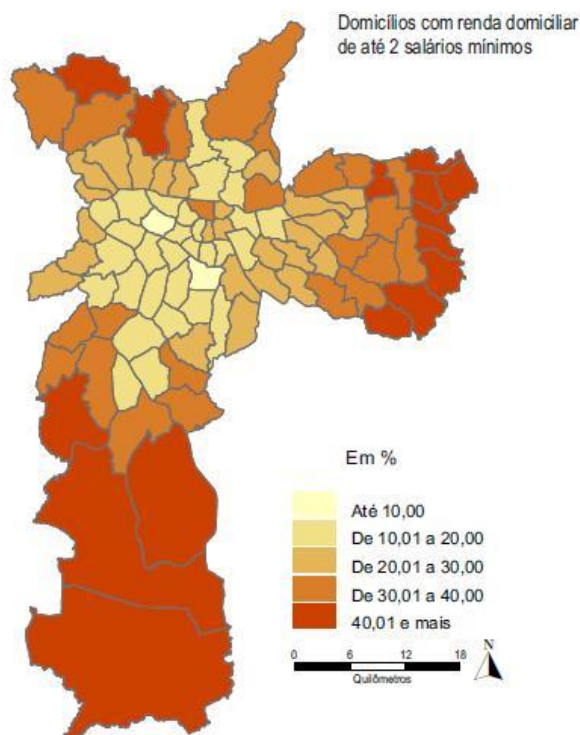
A investigação desse possível problema passa diretamente por uma análise de critérios de noticiabilidade – os critérios “objetivos” que definem o que deve se tornar notícia, tratados por Nelson Traquina (2005), de enquadramento (ou frame) – direção dada ao fato-notícia, exclusão ou adição de fragmentos de realidade, prática tratada por Murilo César Soares (2009) -, e quantificação de notícias publicadas em uma amostra estabelecida.

Esta pesquisa utilizou tais ferramentas para avaliar a hipótese de que existe apartação socioeconômica no noticiário paulistano, utilizando como laboratório o caderno de cotidiano o jornal de maior tiragem na cidade - Folha de S.Paulo - durante um recorte de trinta dias sendo – de 11 de janeiro de 2016 até 16 de fevereiro de 2016. Essa amostra, escolhida a partir de períodos considerados neutros (sem fatos esporádicos de grande notoriedade), tende a proporcionar uma análise mais limpa do caderno, distanciada de incoerências de eventos sazonais.

2. Desigualdade socioeconômica em São Paulo

Com 31 subprefeituras, a cidade de São Paulo possui um quadro claro de desigualdade socioeconômica. A dinâmica é simples: quanto mais longe do centro expandido, menor a renda média domiciliar.

Em um mapa, disponibilizado pelo portal “infocidade” da Prefeitura Municipal de São Paulo, que leva em consideração dados de 2010 – ano do último levantamento do Censo – é possível visualizar esse cenário. Quanto mais próximo à borda do território paulistano, maior a incidência de domicílios com Renda Média Domiciliar (RMD) de até dois salários mínimos. Veja nos mapas abaixo (é necessário verificar cada uma das subprefeituras no segundo mapa, ao passo que – no mapa original disponibilizado pelo “infocidade” não constam os nomes das subprefeituras).



As áreas mais “avermelhadas” de São Paulo não são somente as mais pobres. São elas também as que apresentam maior índice de violência.

De acordo com um levantamento publicado pelo Núcleo de Estudos da Violência (NEV), da Universidade de São Paulo, 38 dos 93 distritos da cidade possuem taxa de homicídios acima de 10 a cada 100 mil habitantes – taxa tida como caracterizadora de “zonas endêmicas” pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Em um especial publicado pelo portal G1 no dia 16/04/2015, a conclusão de que a grande maioria das áreas endêmicas paulistanas foi seguida de análise do doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, Renato Sérgio de Lima.

Boa parte dos distritos com aumento na taxa de homicídios está concentrada nos extremos do município, como Jaçanã e Vila Brasilândia (na Zona Norte) e Cidade A E Carvalho e Guaianases (na Zona Leste).

Para Renato Sérgio de Lima, “as regiões com as maiores taxas são também as mais precárias, onde o Estado não se faz presente em sua totalidade”. “Por que regiões com taxas altas e com crescimento não conseguem se beneficiar do movimento de queda? Há vários fatores, como o domínio de facções, variáveis socioeconômicas como piores condições de emprego e renda.

Se localizam nas extremidades do mapa de São Paulo também, as regiões com menor gama de opções no que diz respeito à mobilidade urbana. As linhas de metrô da cidade invariavelmente não chegam até as regiões mais afastadas do centro expandido da cidade, ficando a cargo do trem (CPTM) a cobertura das regiões periféricas, missão que ainda não se faz cumprida em sua plenitude quando analisamos as regiões mais extremas.

Tais características apontam para diversas realidades dentro de um mesmo município, para uma São Paulo que é algo para uns e outra bem diferente para outros, tornando os cidadãos paulistanos dessemelhantes, “desconhecidos” e desinteressados entre si. É por essa ótica que se configura o cenário de apartação social descrito por Cristovão Buarque na publicação de 1993 e refletido no ano seguinte por Elimar Nascimento em “Hipóteses Sobre a Nova Exclusão Social: dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários” (1994).

A apartação social: proposta por Cristóvão Buarque (1993) designa um processo pelo qual denomina-se o outro como um ser “à parte”, (apartar é um termo utilizado para separar o gado), ou seja, o fenômeno de separar o outro, não apenas como um desigual, mas como um “não semelhante”, um ser expulso não somente dos meios de consumo, dos bens, serviços, etc. mas do gênero humano. É uma forma contundente de intolerância social (Nascimento, 1994; p. 25).

Essa realidade não somente desigual, mas, sobretudo, excludente, se reflete em outras atividades. Inclusive no jornalismo, que por meio de critérios de seleção da notícia e de seu enquadramento, dá visibilidade a certos grupos da população paulistana, bem como

exclui outros, em um processo em que não mais o fato em si é o mote principal da notícia, mas sim o local onde este ocorreu.

3. O enquadramento e os critérios de noticiabilidade

Ainda no século passado, teóricos e profissionais da área tratavam o jornalismo como uma retratação da realidade, uma transcrição dos fatos cotidianos. Sem dramatização alguma, o jornalismo – herdeiro do positivismo que é – era visto como uma maneira de dar luz aos fatos, uma forma de iluminar o mundo.

Tudo isso era traduzido nas “teorias do espelho”, ou seja, as teorias que tratavam do jornalismo como um espelho da realidade.

Com o avanço da pesquisa na área, teóricos passaram a consolidar a hipótese de que o jornalismo era não mais a retratação da realidade, mas seu enquadramento dela. Enquadramento este que é fluido, que varia de acordo com a experiência de vida do jornalista, com sua ideologia, com a linha editorial do veículo ou ainda de acordo com interesses comerciais. Características que direcionam o olhar do leitor para um ponto de vista e são responsáveis pela possibilidade de um mesmo fato poder ser noticiado de maneiras diversas.

O enquadramento diz respeito à capacidade dos meios de produzirem e disseminarem implicitamente uma interpretação do mundo, por intermédio de uma retórica implícita, entranhada na própria estrutura das matérias jornalísticas, indicando o papel dos meios noticiosos na construção das representações públicas. (...) Nesse caso, os enquadramentos residem nas propriedades específicas da narrativa noticiosa que encorajam percepções e pensamentos sobre eventos e compreensões particulares sobre eles. Os enquadramentos de notícias são construídos por palavras, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais enfatizadas na narrativa noticiosa (SOARES, 2009, p.57 e 58).

O enquadramento ou *frame* é, portanto, utilizado como forma de direcionar a negociação de sentido entre a notícia e o leitor, criando impressões e conceitos sobre personagens e/ou regiões, por exemplo.

Mas o somente o enquadramento não constitui por completo a mudança de paradigma das teorias do espelho para as teorias construcionistas – predominantes nas abordagens dos teóricos de jornalismo na atualidade. Pois o enquadramento se refere basicamente a “como se noticia algo”, não cobrindo de maneira satisfatória a função de selecionar o que é notícia e o que não é.

Milhões de fatos ocorrem todos os dias nos mais diversos locais. Na cidade de São Paulo, por exemplo, o cotidiano dos aproximadamente 12 milhões de habitantes, espalhados pelas 31 subprefeituras, poderia render centenas de páginas nos jornais diários. Mas o jornalismo – construtor da realidade e não seu retrato, como se acreditava – se utiliza de filtros pré-estabelecidos capazes de tornar objetivas, a subjetiva seleção do que deve ser noticiado

em meio a esses tantos acontecimentos. Tais filtros são conhecidos como critérios de noticiabilidade.

Por serem considerados produtos pelas empresas de comunicação, os materiais jornalísticos de notícia necessitam se adequar a uma lógica comercial, a qual tem como finalidade a venda de notícias por meio do cumprimento do “desejo do leitor”, ou seja, os jornalistas são condicionados a presumir o que é de interesse do leitor. Ainda em relação à lógica comercial, os veículos jornalistas – por muitas vezes – buscam atender o interesse de seus anunciantes e patrocinadores.

Esse conjunto de interesses, aliados a características predominantes da formação profissional de jornalismo (estritamente conectada a convenções literárias e culturais), compõe a atribuição de valor-noticioso a fatos cotidianos que se tornarão, ou não, notícias.

A criação das notícias é sempre uma interação de repórter, director, editor, constrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas freqüentemente operam se as pensar (SILVA, 2005, p. 96).

De acordo com um dos principais teóricos construcionistas, o português Nelson Traquina, a notícia é resultado do processo que une a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria prima em produto (observe que a palavra “produto” não se coloca apenas no sentido de “resultado”, mas também no sentido de “coisa atrativa” e de “mercadoria”).

Nesse contexto o valor-noticioso – carregado de desejo de audiência - é fator determinante na hierarquização do que é noticiado e também na ordem em que são colocados os fatos no texto noticioso.

Embora seja parcialmente individual, a atribuição de valores noticiosos obedece a uma lógica universal – da qual se origina os critérios de noticiabilidade descritos tanto por Traquina (2005), quanto por Mauro Wolf (2003).

Observe no quadro criado pela teórica Erica Franzon (2004), os possíveis acontecimentos carregados com a maior carga de valores-notícia e – portanto – com maior possibilidade de se tornarem notícia.

Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis / noticiados	
IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	PROEMINÊNCIA Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
CONFLITO Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação	ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE Aventura Divertimento Esporte Comemoração
POLÊMICA Controvérsia Escândalo	CONHECIMENTO/CULTURA Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião
RARIDADE Incomum Original Inusitado	PROXIMIDADE Geográfica Cultural
SURPRESA Inesperado	GOVERNO Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse humano	JUSTIÇA Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Basta observar um produto noticioso, independente da tecnologia utilizada (rádio, televisão, jornal ou web), para perceber que as notícias constantes no produto podem se encaixar em um ou mais itens colocados no quadro.

Às vezes, a matéria conterá diversos destes elementos provocadores de interesse, outras vezes, apenas um. Em cada caso, o elemento dominante presente nos indica qual o tipo de categoria do assunto.(SILVA, 2005, p. 101).

Enquadramento e critérios de noticiabilidade são os dois principais elementos das teorias construcionistas do jornalismo, e é por meio deles que o newsmaking constrói a realidade da agenda noticiosa, incluindo ou excluindo fatos, regiões e personagens.

Mas será que dois acontecimentos semelhantes entre si, ocorridos em duas regiões diferentes, possuem o mesmo valor-notícia? O critério de proximidade descrito no quadro como “proximidade geográfica ou cultural”, pode não ser suficiente para explicar o fato de que, em uma mesma cidade, acontecimentos em certas regiões possuem valor-notícia diverso.

A proximidade econômica – juntamente com o interesse comercial do veículo de “dizer para o principal consumidor” – pode possuir uma relação íntima com a hipótese de que o jornalismo praticado pelo jornal de maior circulação na cidade de São Paulo (Folha de S. Paulo) é ator importante na apartação de certas regiões do município.

3.1 O papel do discurso positivista na simplificação da abordagem da periferia

A modernidade trouxe com ela a predominância do discurso positivista para as mais variadas áreas do saber. Essa rígida lógica científica deixada por Auguste Comte que promove – dentre outras coisas – a diminuição da consideração do conceito de que existem múltiplas realidades para a adoção de ‘verdades objetivas’ e, na teoria, empiricamente comprováveis, exerceu influência decisiva no fazer jornalístico a partir de meados do século XIX, perdurando até os dias atuais.

Sempre que o jornalista está diante do desafio de produzir notícia, reportagem, e largas coberturas dos acontecimentos sociais, os princípios ou comandos mentais que conduzem a operação simbólica espelham a força da concepção de mundo positivista (MEDINA, 2008, p.25).

Essa nova característica levou o jornalismo ao estado de ‘simplificador’, não no sentido de tornar as coisas mais simples, mas sim de tirar a complexidade de observação das diversas realidades – de extirpar a dialogia das coisas, tornando-as objetivas e conclusivas, muito embora incompletas.

É desse contexto que nasce a abordagem atual da grande mídia para com as realidades das periferias (no sentido econômico da palavra, regiões coadjuvantes no aspecto econômico e não necessariamente afastadas dos centros das cidades).

De acordo com Cristina Machado da Silveira, a herança positivista do jornalismo é a principal responsável por reproduzir um discurso simplificador – e danoso – em relação às periferias e favelas, dando vazão a um senso comum previamente estabelecido, em detrimento de um debruçar-se sob a complexidade de cada uma das realidades existentes nos locais noticiados.

O estudo da cobertura da mídia impressa no tema das fronteiras internacionais brasileiras reitera o condicionamento da atitude profissional que reproduz um noticiário viciado em torno de alguns elementos recorrentes: violência urbana e rural (assaltos, assassinatos, perseguição política a cidadãos de países vizinhos em território brasileiro); terrorismo (vínculos com grupos terroristas islâmicos e colombianos); exclusão social (imigrantes e trabalhadores estrangeiros sem documentos e/ou direitos legais, clandestinidade, (SILVEIRA, 2011, p.3).

A autora salienta que esse expediente, chamado por ela de ‘vício’, acaba sendo reproduzido de maneira latente na narrativa sobre as crônicas de favelas metropolitanas.

Grande parte destes problemas reitera-se na crônica de favelas metropolitanas: violência urbana (assaltos, assassinatos, latrocínio); tráfico de drogas e de armas (vínculos com o crime organizado e quadrilhas internacionais); exclusão social (imigrantes estrangeiros e trabalhadores de outras regiões brasileiras, déficit de cidadania, pobreza) e contravenções legais (prostituição de menores, venda de eletroeletrônicos sem nota fiscal, distribuição de armas, drogas, cópias piratas de softwares e de material audiovisual) (SILVEIRA, 2011, p.3).

A mesma autora utiliza ainda os conceitos de ‘modos de ver e devorar’ para alertar para uma perspectiva colonizante no retratar das periferias nacionais.

Faz-se assim necessário apontar o que há de negativo na ambivalência pela perspectiva de imprimir um olhar colonial ou colonizante à realidade social, disseminado em amplas tiragens de semanários brasileiros e estrangeiros (SILVEIRA, 2011, p.3).

Em confluência com a visão da autora, Fredric Jameson afirmou em 1995 que a objetivação se apresenta como um ato de dominação – recorrendo a uma visão sartreana.

De volta à Silveira, a autora destaca que a petrificação do discurso – sem que se analise os diferentes contextos – ocasiona em uma visão pré-estabelecida dos acontecimentos das periferias, tornando-a lugar violento e problemático por natureza e fazendo exceção tudo aquilo que foge à regra.

Por fim, ela reforça o caráter segregador e até mesmo ‘rivalizador’ da abordagem das empresas jornalísticas, pelo fato de posicionarem a periferia como ‘coisa apartada’ do centro. Como objeto diferente, quase oposto à ao objeto por elas tratado como ‘normal’ – ou seja – os centros econômicos.

Fez-se trivial constatar que a cobertura jornalística reitera os pares de oposição complementar: capital x interior, metrópole x fronteira, litoral x sertão, re-colocando continuamente a relação centro-periferia. As redações jornalísticas ao manipularem continuamente tais pares evidenciam a opacidade de seu próprio posicionamento, o qual se afirma evidentemente desde um lugar que é central, pois o cânone de abrangência de um fato é contemplado pela maioria dos jornalistas. Os profissionais, no entanto, desdenham de processos interpretantes fundamentais que lhes proporcionariam identificar dinâmicas conceituais que sustentam a representação de um objeto de comunicação e suas possíveis transformações (SILVEIRA, 2011, p.4).

Esse olhar simplificador reforça o poder do jornalismo de construir juízos por meio da noticiabilidade, de tal maneira que a visão da opinião pública sobre as periferias contenha quase integralmente a opinião publicada pelos veículos, em suma, uma opinião carregada de um negativismo pouco afeito às complexidades – e à diversidade – dos locais noticiados.

4. Categorias de análise da cobertura noticiosa dos acontecimentos na cidade de São Paulo

A fim de verificar não apenas os locais de maior incidência noticiosa na cidade de São Paulo (por meio da simples quantificação das notícias), mas seu teor e seu papel na construção imagética de cada local, a análise incluirá critérios de “qualificação da notícia” que, a partir dos conceitos de enquadramento – bem como dos conceitos de colonização noticiosa, para a construção de uma base sólida de uma big picture da cobertura jornalística da cidade.

Essas formas de qualificação do que é publicado, denominadas aqui arbitrariamente de “categorias de teor da notícia”, serão balizadas por critérios de noticiabilidade que serão analisados na busca por repetições de padrão.

Ou seja, será verificada a repetição de critérios negativos ou positivos na cobertura das subprefeituras localizadas à margem do centro expandido, a fim de confirmar ou não a tendência a “criminalizar” de maneira simplificadora o cotidiano de tais subprefeituras.

Notícias de abrangência ampla, ou seja, sem enfoque em subprefeitura ou cidade específica (notícias que abranjam áreas diversas. Seja múltiplas subprefeituras paulistanas, múltiplas cidades brasileiras, múltiplos países, etc.) serão consideradas pertencentes à categoria “sem localidade específica”. Exemplo:

Número de cidades com epidemia de dengue no Brasil aumenta 322%

Em dezembro, 135 municípios tiveram mais de 300 casos/100 mil habitantes, ante 32 no mesmo mês de 2014

Dados são de pesquisa do Ministério da Saúde, a pedido da Folha; doença ganhou impulso nos meses finais do ano

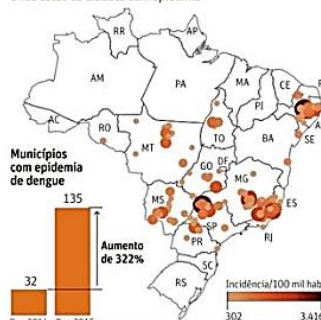
NATÁLIA CANCIAN
DE BRASÍLIA

Em um novo avanço da dengue no país, 135 cidades brasileiras terminaram 2015 com epidemia da doença, e enfrentam um cenário que costuma ser esperado apenas para os meses de abril e maio. Os dados são de levantamento feito pelo Ministério da Saúde, a pedido da Folha, e considera as cidades que, apenas em dezembro – mês com informações mais recentes disponíveis – tinham “alta” proporção de casos. Isso significa que esses municípios tinham mais de 300 casos a cada 100 mil habitantes.

EPIDEMIA CRESCE

Aumenta número de cidades com mais de 300 casos por 100 mil habitantes

Onde estão as cidades com epidemia



		Incidência por 100 mil hab	Nº de casos	Habitantes
1º	Vitória Brasil (SP)	3.416	142	1.815
2º	Monteiro (PB)	3.382	2.049	32.498
3º	Inhadima (MG)	2.568	317	6.114
4º	Mugui (ES)	2.562	691	15.533
5º	Guarani (MG)	2.179	369	8.996
6º	Presidente Kennedy (ES)	2.148	390	11.221
7º	Jaci (SP)	1.729	280	6.361
8º	Cumaru (PE)	1.719	344	13.960
9º	Sanharó (PE)	1.686	1.167	24.556
10º	Tuparetama (PE)	1.659	166	8.139
11º	Marzagão (GO)	1.557	155	2.184
12º	Apiacá (ES)	1.553	213	7.920
13º	Nioaque (MS)	1.524	324	14.305
14º	Caraubas (PB)	1.493	93	4.085
15º	Miraselva (PB)	1.481	54	1.890

Já notícias que tenham enfoque principal qualquer cidade que não seja a cidade de São Paulo serão incluídas na categoria denominada “outras cidades”.

A partir desta qualificação (como é noticiado), somada à quantificação (onde é noticiado), serão produzidos gráficos e mapas que buscarão traçar um panorama geral sobre a noticiabilidade em cada uma das subprefeituras, de modo a permitir uma análise final da qualidade das notícias por região, segundo sua Renda Média Domiciliar (RMD).

4.1 Análise

No cômputo geral, o período de 11 de janeiro de 2016 até 10 de fevereiro do mesmo ano foi marcado por uma cobertura que ignorou sumariamente a maior parte da cidade.

As subprefeituras mais lembradas pelo caderno de cotidiano da Folha de S. Paulo foram; Pinheiros, com 17 notícias; Sé, com 18 e Vila Mariana, com 12. Cada uma dessas subprefeituras representam os distritos de: Pinheiros, Altos de Pinheiros, Itaim Bibi e Jd. Paulista; Sé, Consolação, Santa Cecília, Bom Retiro, República, Bela Vista, Liberdade e Cambuci; Vila Mariana, Saúde e Moema; respectivamente.

Foram poucas as outras subprefeituras lembradas. A de Butantã, representando os distritos de Butantã, Morumbi, Raposo Tavares, Rio Pequeno e Vila Sônia, teve duas notícias publicadas no período.

Também com apenas duas notícias publicadas no período estiveram as subprefeituras de Santo Amaro (cujos distritos representados são Santo Amaro, Campo Belo e Campo Grande), Santana (Santana, Tucuruvi e Mandaqui); Lapa (que acumula os distritos de Barra Funda, Vila Leopoldina, Lapa, Jaguará, Jaguaré e Perdizes) e, por fim, Itaim Paulista, englobando os distritos de Itaim Paulista e Vila Curuçá.

Já o grupo formado por subprefeituras com apenas uma notícia publicada pelo caderno de cotidiano da Folha de S. Paulo no período de amostra é composto por: Casa Verde, que contém os distritos de Casa Verde, Cachoeirinha e Limão; Capela do Socorro, com Capela do Socorro, Socorro, Cidade Dutra e Grajaú; e a subprefeitura de Ipiranga, cujos distritos são Ipiranga, Cursino e Sacomã.

É interessante destacarmos que as notícias pertencentes aos grupos “Sem localidade específica” e “Outras cidades”, foram – de longe – os mais volumosos em relação à quantidade de notícias publicadas.

O primeiro acumulou 122 notícias no período, enquanto o segundo teve 73. Tal dado nos remete à definição do próprio veículo sobre o caderno atualizado. Observe abaixo a descrição do caderno constante no site oficial da Folha de S. Paulo.

Oferece ao leitor informações úteis ao seu dia-a-dia nas áreas de segurança, educação e direito do consumidor. Traz diariamente notícias relativas às principais capitais do

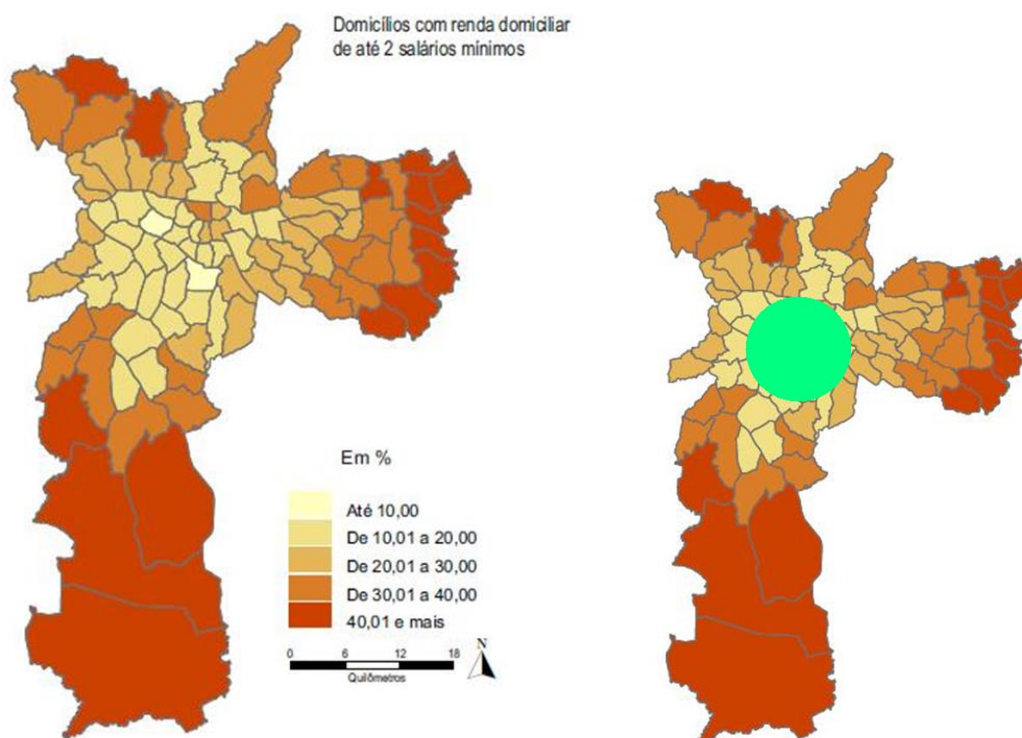
país. Na edição São Paulo, concentra sua cobertura na capital paulista. Procura prestar serviço ao leitor sobre temas como direito do consumidor, saúde, trânsito e meteorologia.

Ao confrontarmos a descrição oficial exposta pelo veículo com os dados do período analisado, chegamos à conclusão que o dia-a-dia da cidade de São Paulo acaba sendo negligenciado e substituído por notícias que analisam o que chamo aqui de ‘macro-distanciado’, ou seja, assuntos gerais que podem ou não se configurar como assuntos de interesse público, mas que, no entanto, não fazem parte da vida do bairro, do que é vivido cotidianamente dos leitores da cidade.

4.2 Notícias da cidade de São Paulo

Das sessenta notícias pertencentes a subprefeituras da cidade de São Paulo, quarenta e sete se distribuem em Sé, Pinheiros e Vila Mariana. Ao delimitarmos um perímetro sob o mapa de Renda Média Domiciliar, disponibilizado pela prefeitura da cidade por meio do portal “Infocidade”, observamos que as áreas expostas pelo caderno de cotidiano do veículo analisado são as de menor incidência de famílias que recebem até dois salários mínimos.

Compare os mapas (o círculo verde no mapa à direita representa as subprefeituras que compõe o grupo que acumula quarenta e sete das sessenta notícias da amostra).



A partir desses dados, pode-se dar início à resposta da pergunta-problema proposta por esta monografia, cuja primeira parte é “existe uma seleção socioeconômica no momento

de se decidir o que é notícia?”. O critério socioeconômico se apresenta claramente na contabilização das notícias.

Basta voltar a destacar que de trinta e uma subprefeituras, apenas três concentram 78,3% das notícias em um período de um mês.

Mas somente a contabilização das notícias não respondem completamente os questionamentos propostos. É preciso mergulhar em suas nuances e critérios de seleção noticiosa.

Ao se observar apenas as três subprefeituras mais à margem do centro expandido (com exceção da subprefeitura de Casa Verde) e – consequentemente - com menor RMD, nota-se a repetição do critério de noticiabilidade Tragédia/Drama. Outra característica marcante das notícias é a falta de protagonismo do cidadão do bairro. Observe as notícias publicadas sobre as subprefeituras de Capela do Socorro, Itaim Paulista e Casa Verde- uma a uma.

- Casa Verde



Mais uma nota destinada à periferia, esta cita a prisão de um acusado de praticar um crime na subprefeitura de Casa Verde. Novamente o critério de noticiabilidade utilizado foi o de Tragédia/Drama e o de Justiça.

A nota não possui personagem, não dá rosto – ou nome -nem mesmo ao acusado e cita a não localização da defesa pela reportagem, expediente comumente utilizado em apurações consideradas de menor importância por um veículo jornalístico.

Como relevância, a nota poderia não entrar na amostra, pois seu destaque – e a atenção - dado pelo jornal. Mas, ela ilustra – com eficiência – o tratamento dado a notícias acerca de subprefeituras com menor interesse noticioso.

- Itaim Paulista

Notícia 1

Dois morrem após fortes chuvas na zona leste no fim de semana

Em outro caso, jovem que caiu no córrego Aricanduva é procurado

DE SÃO PAULO

Dois homens morreram durante as fortes chuvas que atingiram o extremo leste de São Paulo neste fim de semana, segundo a prefeitura.

Uma das vítimas é um homem de 46 anos, que foi carregado pela enxurrada ao ajudar uma idosa no Jardim Lapenna, em São Miguel Paulista, vizinho ao Jardim Pantanal — região situada na várzea do rio Tietê e que sofre constantes alagamentos.

O outro homem foi carregado pela correnteza no córrego Itaim, no bairro Itaim Paulista. Os dois corpos foram localizados. Bombeiros ainda procuram um jovem que desapareceu após cair no córrego Aricanduva, também na zona leste.

De acordo com o CGE (Centro de Gerenciamento de Emergências), da prefeitura, as chuvas de sábado (9) totalizaram 148 milímetros em apenas três horas na zona leste. O volume equivale a 57%

do previsto para todo o mês de janeiro — 268 milímetros.

No sábado, moradores protestaram contra a enchente. Eles chegaram a queimar um ônibus ao lado do córrego Lajeado, no Itaim Paulista.

Nesta segunda (11), o cenário na região era de limpeza e reconstrução, ainda sob chuva. Moradores colocaram para fora colchões, sofás, camas e outros objetos destruídos pelos alagamentos. O material era recolhido por caminhões da prefeitura.



Rua alagada na região do Jardim Pantanal (zona leste)

A primeira notícia relacionada à subprefeitura de Itaim Paulista tem como critério de noticiabilidade Tragédia/Drama, contendo morte, acidente e interesse humano.

Quanto ao modo noticiado, pode-se questionar o espaço dedicado ao caso na página. A quantidade de caracteres utilizada caracteriza a notícia como uma espécie de ‘nota curta’. Mas o que choca é a falta de apuração no discurso noticioso.

Nem mesmo o nome das vítimas foi citado na notícia. Não podemos dizer nem mesmo que os mortos foram personagens da notícia, pela impessoalidade com que foram tratados. Tal expediente é comum na cobertura da periferia, tanto em relação à cobertura de crimes, quanto de acidentes. Prática totalmente oposta à cobertura dada a eventos da mesma natureza ocorrida no perímetro do centro-expandido, local no qual há ao menos vontade de descortinar um evento obscuro sem relacioná-lo a justificativas prévias — como, novamente, ocorre em casos de chacinas nas periferias -, e personalização de vítimas de tragédias e acidentes como o ocorrido na subprefeitura de Itaim Paulista.

Novamente o discurso positivista empregado pelo veículo fornece a ideia de distanciamento, de coisa apartada da realidade do leitor do veículo.

Notícia 2

ZONA LESTE

Ciclista é morto com tiro na cabeça em tentativa de assalto

DE SÃO PAULO - O auxiliar de vendas Vladimir dos Santos Nogueira, 42, foi morto com um tiro na cabeça quando andava de bicicleta, na manhã de sábado (23), na avenida Jacu-Pêssego, zona leste. Os assaltantes fugiram sem levar nada.

Um suspeito foi preso e um menor apreendido. Testemunhas reconheceram a dupla como autores do crime.

Segundo a polícia, o adolescente, em conversa informal na delegacia, confessou o crime e indicou o local em que havia guardado a arma.

Tal como a primeira, a segunda notícia sobre a subprefeitura do Itaim Paulista tem como principais critérios de noticiabilidade Tragédia/Drama e Justiça. Nesta, entretanto, o veículo cita o nome do assassinado.

A falta de apuração aprofundada e humanização da notícia segue como característica marcante do texto – curto e conciso. A descrição do assassinado praticamente inexistente, diferente de casos semelhantes. Como mortes por atropelamento de ciclistas no centro-expandido, por exemplo.

Basta que se lembre da cobertura dada ao atropelamento do ciclista David Santos Souza, no dia 10 de março de 2013, na avenida paulista. Na ocasião, o ciclista sobreviveu, mas a dramaticidade do caso foi semelhante à do caso ocorrido na subprefeitura do Itaim Paulista. O espaço dado pela Folha de S. Paulo na ocasião, entretanto, foi consideravelmente maior, sendo – inclusive – repercutido em mais de uma edição.

- Capela do Socorro

A única notícia relacionada à subprefeitura traz como critérios de noticiabilidade: Impacto, pelo número de pessoas envolvidas; Tragédia/Drama, por se tratar de crime e violência; e Justiça.

Polícia prende suspeitos de mortes em série na zona sul

Seis pessoas foram estranguladas no Grajaú entre dezembro e o fim de janeiro

De acordo com delegado, grupo confessou dois assassinatos e afirmou que vítimas faziam furtos em comunidade

DO "AGORA"

A Polícia Civil de São Paulo prendeu nesta quinta-feira (4) três suspeitos de assassinar seis pessoas entre dezembro e o fim de janeiro no Grajaú (zona sul da capital).

Além deles, Leonardo de Jesus Bastos, 32, estava preso desde 21 de janeiro por roubo. A polícia procura ainda uma quinta pessoa suspeita de envolvimento nos crimes.



O delegado Camilo Veiga concede entrevista sobre o caso

com fios elétricos.

Até a última quarta (3), os investigadores ainda consideravam hipótese de que os crimes tivessem sido praticados por uma só pessoa, um "maníaco", como vingança.

A autoria dos outros assassinatos continua sendo investigada. A polícia suspeita que outras duas pessoas também integrem o grupo.

PERÍMETRO

De acordo com o delegado, todos os crimes foram cometidos a menos de um quilômetro de distância uns dos outros. Um sétimo assassinato foi descartado dessa série de crimes por não se encaixar nessa característica.

Grajaú poderia ter sido citado pelas ações da cooperifa, por exemplo, ou pelo bloco de carnaval que contou com o artista notório – "Criolo", durante o carnaval. Mas – quando foi noticiado – foi retratado com um lugar de alta periculosidade e de violência recorrente, pelo

fato da narrativa associar o termo ‘mortes em série’ com ‘furtos na comunidade’, reproduzindo a narrativa corriqueira que reproduz a rivalidade entre criminosos nas subprefeituras periféricas.

Tal narrativa é reproduzida em casos como chacinas, por exemplo. Nas quais o repórter, por fazer uso de uma apuração pouco detalhada e do conhecimento pré-estabelecido sobre um determinado local, simplifica a narrativa e tira todas as possíveis complexidades do evento.

Este artigo não exclui a necessidade de noticiabilidade da violência, seja ela ocorrida em qualquer subprefeitura de São Paulo. Mas questiona a narrativa positivista do jornal na notícia específica (única publicada sobre a subprefeitura no período), bem como questiona o fato da região aparecer no noticiário uma única vez e de que esta única vez está relacionada com critérios de noticiabilidade de tamanha negatividade.

5. Considerações finais

O jornalismo desempenha um papel de protagonista na apartação social da cidade de São Paulo, não apenas excluindo de seu noticiário subprefeituras nas quais a população possui os menores índices de Renda Média Domiciliar, mas também na forma com que os retrata nas poucas vezes em que os inclui no noticiário.

O padrão de se noticiar a periferia apenas pela ótica da violência e da tragédia cria barreiras para a integração entre os habitantes da capital paulista. O constante retrato ancorado exclusivamente na negatividade extirpa qualquer ideia de complexidade das diversas realidades existentes na periferia, provocando uma construção imagética simplificadora no imaginário popular que – por sua vez – reproduz a ideia de que a periferia é um local onde predomina a violência.

Tudo isso provoca a ideia de que habitantes da mesma cidade são estrangeiros em seu cotidiano. Um estrangeirismo que vem acompanhado de uma boa dose de xenofobia, já que habitantes do centro expandido – em parte por não conhecer a fundo o cotidiano da periferia, em parte por associar a imagem dessas subprefeituras ‘distantes’ à violência (ambos os conceitos advindos diretamente da cobertura noticiosa dos grandes veículos) – evitam se deslocar às áreas ‘desconhecidas’, bem como – por muitas vezes – temem a aproximação da população da periferia em seu convívio social (especialmente nos espaços públicos de lazer, já que a dinâmica do mercado de trabalho aproxima ambas as populações, sobretudo com os cidadãos da periferia ocupando posições de baixo escalão).

Para romper com essa dinâmica perversa é necessário que as empresas jornalísticas se afastem da busca exclusiva por atender às demandas mercadológicas e se aproximem cada vez mais daquilo que chamamos de interesse público. Mesmo porque as lógicas

mercadológicas estão cada vez mais fluidas, considerando-se a amplitude de conteúdo – e de público – proporcionada pela internet, fator que alterou sensivelmente a dinâmica de arrecadação das empresas jornalísticas. Construir o jornal para o público-alvo (ou seja, quem tem poder aquisitivo para comprá-lo) parece não ser mais o modelo ideal.

Além das empresas, o jornalista também é responsável pela alteração desse cenário. Em geral oriundo do que chamamos de classe média, o profissional de jornalismo precisa se aproximar de outras realidades - despidido de senso comum e pré-conceitos - compreendendo as complexidades dos lugares e das relações pessoais.

Para deixar de ser agente da apartação social, enfim, é preciso que o jornalismo como instituição volte sua atenção à apuração – item que considero como o principal na atividade jornalística – no significado mais amplo da palavra. Não se satisfazendo em mostrar a versão oficiosa ou ‘aquilo que vende’, mas colocando o pé na rua, conhecendo pessoas, mostrando diversas realidades e a complexidade de cada uma delas.

É preciso que o jornalismo, sobretudo aquele que se intitula ‘de cotidiano’, mostre – de fato – o cotidiano de pessoas diversas e regiões diversas. Talvez a saída para a crise na profissão passe por essa mudança de paradigma ‘pequeno-burguês’ da atividade. Ou talvez não.

Certo é que o jornalismo como é feito atualmente não cumpre sua função social. E, pelo contrário, colabora com o que Cristovam Buarque – cujo livro ‘O que é apartação – o apartheid social no Brasil’ é mote dessa pesquisa – chamou de exclusão da representatividade, último estágio da apartação social.

Encerro essa pesquisa com uma citação elucidadora da teórica Aldaíza Sposati na publicação “Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo”, uma publicação do ano de 1996 e que segue atual.

A desigualdade social, econômica e política na sociedade brasileira chegou a tal grau que se torna incompatível com a democratização da sociedade. Por decorrência, tem se falado na existência da apartação social. No Brasil a discriminação é econômica, cultural e política, além de étnica. Este processo deve ser entendido como exclusão, isto é, uma impossibilidade de poder partilhar o que leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão inclusive, com violência, de um conjunto significativo da população, por isso, uma exclusão social e não pessoal. Não se trata de um processo individual, embora atinja pessoas, mas de uma lógica que está presente nas várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira. Esta situação de privação coletiva é que se está entendendo por exclusão social. Ela inclui pobreza, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade, não representação pública (SPOSATTI, 1996, p. 34).

Quando pessoas de determinada condição social não são apenas excluídas do convívio diário no espaço público, mas são excluídas de tudo aquilo que forma o cotidiano –

no qual destaque nessa pesquisa o noticiário – elas estão definitivamente apartadas da realidade diária e rompem a tênue barreira que separa a desigualdade da apartação.

Pois alguém que vive 'simples desigualdade', ao menos convive com o diferente diariamente sem, no entanto, possuir as mesmas condições. Diferente da apartação, condição em que – na minha interpretação – configura a total não-convivência. A não participação do mesmo espectro reconhecido como 'realidade'.

Referências

BARROS FILHO, C. **Reflexo de pauta: ética e habitus na produção da notícia**. São Paulo, Contracampo, 2002.

BUARQUE, Cristovam, **O que é apartação – o apartheid social no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1993.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A periferia Urbana**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

NASCIMENTO, Elimar P. **Hipóteses sobre a nova exclusão social; dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários**. Bahia: UFBA, 1994

FRIAS Filho, Otávio. 05/08/84. **Vampiros de papel**. FOLHETIM nº 394 (suplemento da Folha de S.Paulo).

GENRO filho, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, Tchê, 1987.

HUGHES, Pedro Javier Aguerre. **Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas**. São Paulo: São Paulo Perspec, 2004.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo: Da Herança Positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

ROLNIK, Raquel. **Espaços em transformação**. 2010. Disponível em < <https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/> >

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Santa Catarina: Insular, 2005.

SOARES, M. C, **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2009.

SPOSATTI, Aldaíza, **Mapa da Exclusão/Inclusão na cidade de São Paulo**. EDUC, São Paulo, 1996

TRAQUINA, N., **Teorias do Jornalismo Vol. 2**. Florianópolis: Insular, 2005.

VILLAÇA, Flávio. **São Paulo: segregação urbana e desigualdade**. São Paulo, USP, 2011.